

MEIO AMBIENTE

Pela preservação do Parque Ecológico das Sucupiras

Dissertação de mestrado de aluno de arquitetura propõe transformar essa área verde, que fica no Sudoeste e às margens do Eixo Monumental, em um memorial vivo do Cerrado

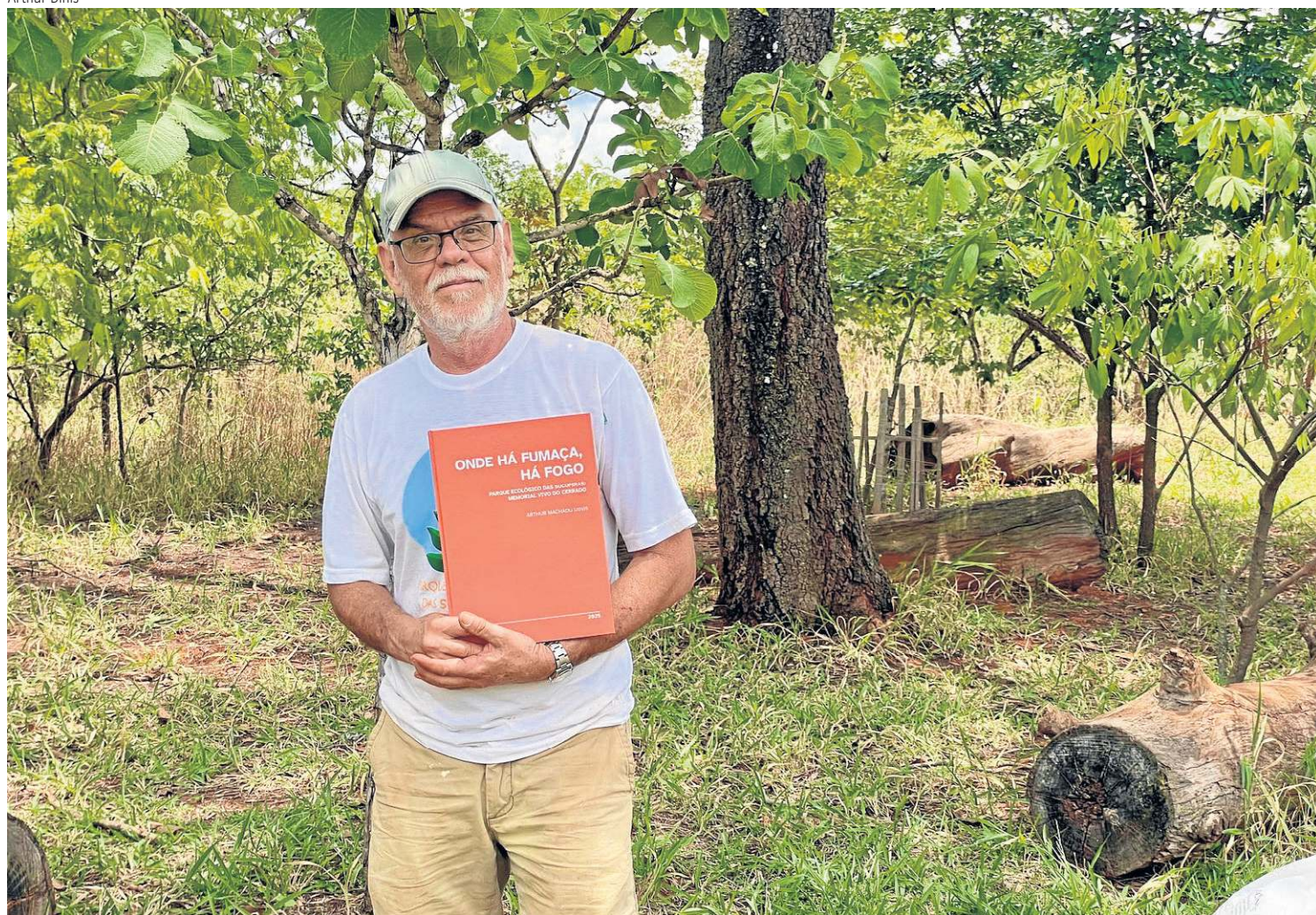
» SOFIA SELLANI*

Da varanda, Fernando Lopes, 69 anos, vê as ameaças que há décadas marcam o Parque Ecológico das Sucupiras no Sudoeste. Quando mudou-se para o prédio, que vive até hoje, ficou feliz ao perceber que morava diante de uma área de Cerrado nativo. A vista, porém, mudou drasticamente ao longo do tempo. Entre lixos, incêndios e a ganância imobiliária, o morador foi pioneiro na luta pela preservação da área. Presidente da Associação Parque Ecológico das Sucupiras (Apes), Lopes é um dos moradores que seguem ativos na defesa do território, o qual teima em resistir à pressão urbana.

Depois de ler uma entrevista com o presidente para o **Correio**, e conversar pessoalmente com Lopes, Arthur Dinis, 25, teve uma ideia. Recém-formado em arquitetura pela Universidade do Porto, em Portugal, ficou inspirado a desenvolver, em sua dissertação de mestrado, a proposta de transformar o Parque Ecológico das Sucupiras em um memorial vivo do Cerrado. “De algum modo, ele (Lopes) comentou a vontade da associação de preservar o espaço diante da expansão do Sudoeste, que acontece lá do lado”, disse. “A partir dos meus estudos e da discussão entre a arquitetura e o patrimônio, pensei: ‘O que seria mais adequado para fazer o memorial do Cerrado, senão o próprio Cerrado vivo?’”

Entretanto, o curioso é que a conexão entre os dois começou muito antes da pesquisa. Quando Dinis estava no ensino médio, Lopes era seu professor de história da arte no Colégio Militar de Brasília. “O meu contato com o parque começou com o Fernando.

Arthur Dinis



Lopes: “O Parque pode adquirir esse caráter, associado ao Memorial dos Povos Indígenas, ao Memorial JK e à Praça do Cruzeiro”

O que é engraçado, porque passei boa parte da vida em Brasília, e só fui saber do espaço por conta dele, que citou o parque nas aulas”, brincou Dinis, ao dizer como o parque passa “despercebido” pelos brasilienses.

Por ter trabalhado como ilustrador, Lopes também ministrava aulas em uma oficina de ilustração na escola. “Arthur sempre gostou de desenhar. Mesmo estando no segundo ano do ensino médio e a turma sendo do terceiro, ele

entrou do mesmo jeito”, comentou, ao falar do talento do ex-aluno. Após o período escolar, os dois voltaram a se encontrar. Dessa vez, unidos por um mesmo objetivo: fazer do parque um espaço valorizado, conhecido e capaz de narrar a história viva do Cerrado.

Ameaça imobiliária

Entre o Eixo Monumental e o bairro do Sudoeste, o Parque Ecológico das Sucupiras encontra-se

em uma constante área de conflito. De um lado, defensores da preservação; do outro, a constante expansão imobiliária, o que faz com que o território sofra o risco de descaracterização.

Entre altos e baixos, o espaço — que protege uma área de 26,2925 hectares de Cerrado nativo — funcionava como zona de desova para materiais de construção, até o início dos anos 2000. Além de lixos espalhados, incêndios eram comuns para os moradores da

região. “Pegava fogo todo o ano”, relembra Lopes. “Uma vez aconteceu de eu sair para apagar o fogo de sandália. Até os bombeiros me conheciam. Quando eu chegava lá, eles me olhavam e brincavam: tem que ser rápido, né?”

Além dos cheiros desagradáveis, o morador cita que a fumaça e as cinzas chegavam a entrar no apartamento. Foi a partir do desejo de mudar a situação, que ele, acompanhado de um grupo também inconformado, conseguiu